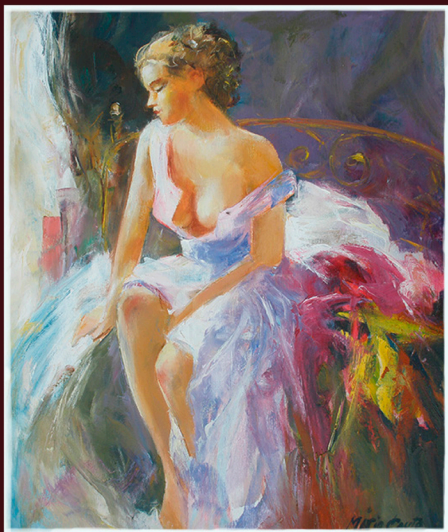


José Leon Machado

A Planta Carnívora



ROMANCE

Edições Vercial

A Planta Carnívora

Continuação de

O Cavaleiro da Torre Inclinada

romance

José Leon Machado

Edições Vercial

A *Drosophyllum Lusitanicum*, ou pinheiro-baboso, é uma das raras plantas carnívoras que suporta bem a escassez de água. As suas folhas estão recobertas por glândulas que segregam uma substância com odor a mel que atrai os insetos e outros pequenos animais. Quando estes lhe tocam, ficam presos, acabando por morrer de exaustão depois de se debaterem para tentarem libertar-se. Comparada com outras plantas carnívoras, a *Drosophyllum* é uma das maiores caçadoras em termos de quantidade de presas capturadas.

Adaptado de *Best Carnivorous Plants*

Saldos

Passaram-se cinco meses desde que Marco Túlio Ferreira esteve em Lisboa. Terminaram as aulas e decorreram as férias. Agora, que estava divorciado, não tinha que se aborrecer quinze dias na praia. Retirou-se para uma casa de turismo rural e, entre leituras numa espreguiçadeira, banhos de piscina e passeios pedestres à sombra de choupos e parreirais, procurou distrair-se das labutas académicas. Comprometeu-se a ficar com o Huguinho uma semana e levá-lo a visitar os avós paternos. A meio da semana, o miúdo estava já aborrecido. O pai não gostava de jogar a bola, não tinha uma consola de jogos no apartamento e queria obrigá-lo a ler e a aprender xadrez. Uma seca.

O Ferreira teve de devolvê-lo à mãe, que não ficou lá muito satisfeita, pois andava de namoro com um colega da escola e viu-se obrigada a interromper as visitas que o tipo lhe fazia. O Ferreira ficou irritado quando descobriu que a ex-mulher metia na casa que ele construiu, mobilou e pagou um homem estranho, que dormia na sua cama e se sentava à sua mesa. Nada disse, porém. Era ele o principal responsável por isso acontecer. Não fosse um imbecil. Quem lhe mandou contar à Ângela que tinha engravidado outra? Ainda por cima era falso alarme.

A Dona Arcília repetia-lhe a mesma ladainha: Que não há melhor mulher do que a primeira e palerma foi ele em deixá-la. Arranjasse outra, que «homem solteiro, ou dá em maluco ou paneleiro.» Já o sr. André lhe dizia para se ir amanhando, mas que não se deixasse prender. Quando alguma quisesse compromissos, mandasse-a dar uma volta. «Homem casado é homem enforcado.»

No apartamento, deitado na cama para onde nunca chegara a levar companhia, pensava na vida. Valeria a pena esforçar-se por encontrar nova companheira? Teria energia e paciência para recomeçar? Uma coisa eram umas aventuras sem grandes consequências e nenhum compromisso; outra procurar alguém que

quisesse com ele partilhar a vida. Além disso, não estava seguro se a queria partilhar com mais alguém. De que lhe serviria ter uma mulher? Que vantagens isso lhe dava? Vivia confortavelmente, a empregada fazia a limpeza duas vezes por semana; comia o que lhe apetecia e cozinhava quando estivesse para aí virado. Aliás nunca encarou uma mulher como uma criada. Uma mulher era uma companheira e, enquanto esteve casado com a Ângela, nunca se esquivou aos afazeres domésticos, quer a tratar do filho, quer a tratar da casa.

Fazia-lhe falta alguém para desabafar preocupações, conversar, trocar carinhos, fazer amor. Mas seria isso assim tão necessário, tão imprescindível para o equilíbrio físico e emocional? Estava separado da Ângela ia para um ano e não se tinha até ao momento dado mal. Conversava com as amigas na Internet e pelo telefone. Estavam todas longe, é certo. A relação com a Maribel, depois da gravidez psicológica, terminara. Com Christine, a belga, trocava um ou outro *email*. Não chegou a ir ao congresso à Bélgica por causa das burocracias do divórcio. À Concha perdera-lhe o rasto, assim como à Paloma. A Dulce estava no Brasil e, embora trocasse semanalmente umas quantas mensagens, era como se vivesse na lua. A Natividade, sua colega de mestrado, decidiu concorrer e foi colocada numa escola do Porto, onde o marido entretanto se estabelecera como vice-diretor de uma empresa de propaganda médica.

Depois da separação, algumas colegas da universidade, solteiras ou divorciadas, começaram a apalpar terreno. Embora economicamente não fossem maus partidos, nem por isso o entusiasmavam. Eram em geral feias, gastas, demasiado arrogantes e com muito mau feitio. A falta de alguns dos encantos físicos ainda tolerava. Mas o resto não. Ia evitando os contactos mais próximos e impedindo avanços, apesar de nalguns momentos de grande carestia lhe apetecesse abrir uma exceção. Resistiu, contudo, dedicando-se mais ainda aos seus projetos, às orientações de mestrado e doutoramento e àquilo de que mais gostava: a escrita.

A Ingrid tinha-lhe enviado uma mensagem no início de setembro a informar que chegaria no dia 18 para iniciar a investigação das plantas carnívoras no Departamento de Botânica. Conseguira não só uma bolsa como também um quarto na residência académica.

O Ferreira começou a pensar que a presença da austríaca lhe causaria alguns transtornos. Não tinha paciência para andar a fazer de ama-seca. Logo que ela chegasse, entregava-a às colegas do Departamento de Botânica e lavava as mãos.

No dia 18, a meio da tarde, ela telefonou-lhe a informar que se encontrava na estação de camionagem. O Ferreira podia tê-la ido buscar ao aeroporto Francisco Sá Carneiro. Mas não queria dar a ideia de que, no tempo que passasse em Portugal, estaria à sua inteira disposição.

Contudo, mal chegou à estação de camionagem e a viu, os seus propósitos foram por água abaixo. Um cavaleiro andante que não se pusesse de imediato ao serviço daquela Dulcineia, ou era tolo, ou um invertido. O Ferreira invertido não era e tolo só de vez em quando.

A Ingrid era assombrosamente bonita. Não muito alta, tinha o equilíbrio das linhas que faria babar qualquer homem. Ancas perfeitas, pescoço fino, o cabelo castanho claro até aos ombros, os olhos verdes, o nariz pequenino, os lábios rosados e os dentes certos e brancos que mostrava num sorriso encantador. Estivera com ela cerca de cinco minutos quando foi abordado à noite numa rua de Innsbruck e por esse motivo não lhe ficara uma imagem nítida. Lembrava-se vagamente de uma mocinha de vinte e poucos anos, muito alegre, talvez devido ao *vodka* que tinha bebido na despedida de solteira. Quando ela, alguns meses atrás, o contactara pelo *Facebook*, não a reconheceu na fotografia tirada na neve, ao lado daquele que era talvez o marido. À sua frente estava agora uma mulher que o assombrou.

Como ele não sabia alemão nem ela português, falaram em inglês. O autor, para comodidade da leitura, traduz, eliminando os mal-entendidos e as patadas à gramática anglo-saxónica.

Depois de se cumprimentarem com um beijo na face, o Ferreira levou-a ao BMW e tentou meter as duas grandes malas na bagageira. Uma delas não coube e teve de ir no banco de trás. Instalaram-se os dois à frente e seguiram para a residência académica. O quarto já estava reservado. O funcionário pediu a identificação à estrangeira, fez-lhe assinar um maço de papéis e deu-lhe a chave. O professor ajudou-a a carregar as malas até ao terceiro andar. Ela ficou agradada com o quarto, moderno, bastante espaçoso e com uma vista agradável sobre o jardim do *campus*.

O Ferreira deixou-a a arrumar as coisas e a descansar um pouco, prometendo apanhá-la ao fim da tarde para lhe mostrar a cidade e levá-la a jantar. A Ingrid não sabia com agradecer. Era o primeiro de toda a lista de homens que na despedida de solteira lhe facultara o número de telefone que na verdade fizera alguma coisa por si. Os outros, todos austríacos a viver em Innsbruck ou arredores, a quem ela aliás contactou como é da praxe, tinham sido até ao momento pouco amistosos. As coisas eram normalmente assim. Estava pois muito contente por, em vez de mais um austríaco, ter encontrado um português. Se estava ali, a ele o devia.

Tentou desvalorizar. Fora tudo fruto do acaso e, se não se tivessem conhecido, provavelmente a Ingrid estaria ali na mesma, a passar um semestre e a cumprir aquilo que tinha planeado sem a sua intervenção: estudar plantas carnívoras.

Ela respondeu que talvez assim fosse. Uma das plantas que lhe interessam encontrava-se de facto em Portugal e na região do Douro. Mas tropeçar com alguém em Innsbruck que vivia na região onde a planta era endémica e ainda por cima que pertencia à universidade com um Departamento de Botânica, não poderia ser fruto do acaso.

O Ferreira não via que mais poderia ser. Estaria ela a querer dizer que o encontro estava pré-determinado por Deus, pelos fados ou por qualquer outra entidade extraterrena? Ele não acreditava nisso.

Tirou o resto da tarde para dar uma volta pelo centro comercial onde os saldos de final de estação tinham começado. Comprou duas camisas por metade do preço, seis *boxers*, umas calças de ganga que

deixou na loja para subir a batinha e uma casaca leve que serviria para o outono. Esta vontade súbita de comprar roupa era uma das primeiras consequências da chegada da austríaca. Não que estivesse nos seus propósitos impressioná-la. A respeito de roupa, tinha uma absoluta falta de vaidade. A ex-mulher dizia-lhe muitas vezes que era um desmazelado, que vestia uma camisa sem pensar se combinava bem com o casaco. Simplesmente não gostaria que a estrangeira ficasse a pensar que era um pelintra.

Enquanto se dirigia para o carro com as compras, considerou que, desde de que saíra de casa, nunca mais comprara nada. Ora, as coisas não duram para sempre. As cuecas que tinha, por exemplo, estavam uma lástima e por diversas vezes a senhora que tratava da faxina da casa lhe chamara a atenção para isso.

Viu as horas no telemóvel e concluiu que ainda era cedo. Decidiu levar as compras ao apartamento, tomar um duche e vestir uma das camisas novas.

Pouco antes das dezanove horas, dirigiu-se à residência académica. O funcionário deixou-o subir. Bateu à porta do quarto, mas ninguém atendeu. Desceu à portaria e perguntou ao funcionário se tinha visto sair a estrangeira. O homem explicou que ela mandara chamar um táxi há pouco mais de uma hora.

– E para onde foi?

– Isso não sei.

– Deixou recado?

– Não. E mesmo que deixasse, era o mesmo. Eu não a entendo...

Era problemático que os serviços tivessem colocado numa residência onde se hospedavam estrangeiros um funcionário que não soubesse pelo menos inglês. Na contratação, o que contava não eram as capacidades e as competências, mas o número de tios.

O professor decidiu esperar dentro do carro. A culpa fora dele por não ter marcado a hora exata. Enviou-lhe entretanto uma mensagem que dizia: «Where are you? I'm waiting in the residence.» Ela respondeu quase logo: «I am in the shopping. Can you come for

me?».» Pelos vistos, quando saía ele do centro comercial, chegava ela no táxi.

Colocou o cinto e, antes de arrancar, enviou nova mensagem para marcar o local de encontro.

– É incrível! – exclamou ela ao aproximar-se. – As coisas aqui são muito baratas. E de muito boas marcas.

– É o período de saldos – explicou o Ferreira.

– Peço desculpa pelo desencontro. Começava a aborrecer-me na residência e achei melhor vir fazer umas compras. Depois acabei por demorar mais tempo do que pretendia. As minhas amigas vão ficar espantadas quando eu lhes disser que comprei estas peças de roupa a tão baixo preço. E o meu marido. Comprei-lhe duas camisas lindíssimas. Vou mandar-lhas pelo correio. Só espero que lhe sirvam. Ele tem engordado muito desde que casámos.

– Estás com fome?

– Comi qualquer coisa no avião para o Porto.

– Então estás a cair de fraqueza!

– Oh!, não. Até me faz bem isso. Já viste as minhas ancas?

– Estão ótimas – contestou o português observando-a. – Mas talvez seja melhor levarmos os sacos ao carro – acrescentou.

Desceram ao parque, o Ferreira abriu a bagageira e ela meteu os sacos. Eram mais de seis, de plástico e papel, com peças de roupa, perfumes, produtos de beleza garrafinhas de água, pacotes de bolachas e outras miudezas.

Para iniciar a austríaca na cozinha nacional, levou-a a um restaurante onde serviam grelhados, feijoada, sardinhas assadas e outros mimos. Mas ela não era de grandes comilices. Pediu uma salada com peito de frango grelhado. Ele pediu caldo verde e quatro sardinhas com duas batatas cozidas regadas com molho de salsa. Para beber, pediu uma garrafa de vinho branco Douro.

Durante o jantar, a Ingrid contou alguns pormenores da sua vida. O marido, Jörg, trabalhava na Universidade de Innsbruck. Era o responsável pelo laboratório de Química.

– É professor? – perguntou o Ferreira.

– Não. É técnico. Faz a manutenção do laboratório, coordena a marcação das aulas, vigia a presença dos alunos e dos investigadores, prepara o material e coisas assim. Foi lá que o conheci, quando era aluna.

Simpatizaram um com o outro quase logo. Ela tinha deixado cair um tubo de ensaio com uma solução de zinco e fósforo. O Jörg aproximou-se com o apanhador do lixo, uma vassoura e uma esfregona e limpou o chão. O professor nem deu pelo incidente. Começaram a ver-se nos corredores da universidade e trocavam sorrisos e saudações: *Guten Tag, Guten Abend, Bis bald, Tschüss*. Ele um dia parou e convidou-a para sair, mas a Ingrid não aceitou, desculpando-se que tinha de estudar para um teste. Saiu nessa noite com umas amigas e encontrou-o na discoteca. Ele, sem se mostrar aborrecido com a pequena mentira, aproximou-se e convidou-a para dançar. Daí a três anos, estavam casados.

– E tu? – quis saber a Ingrid.

– Estou separado.

– Tens alguma companheira?

– Não.

– Ninguém? – insistiu ela.

– Ninguém.

– Viver sozinho e não ter com quem partilhar nada deve ser um pouco...

– As pessoas habituam-se. Se tivermos amigos, é menos doloroso. A casa é para dormir.

– E tu tens bons amigos?

– Não muitos. E estão longe. Mas a Internet e o telefone ajudam a manter o contacto.

– Não é a mesma coisa. Nós necessitamos do contacto humano, sentir a presença física dos outros.

– É a primeira vez que estás longe do teu marido? – perguntou o Ferreira num evidente ataque a essa opinião.

– Sim, é.

– E como vais fazer? Ele vem visitar-te? Vais tu à Áustria?

– Ainda não sei. O Jörg só terá alguns dias de férias em dezembro. Mas nessa altura eu já devo estar em Innsbruck.

– Para o Natal faltam mais de três meses.

– Serão três meses de afastamento.

– E como vais fazer?

– Aguentar.

– E o contacto o humano, a presença física?

Ela olhou-o com um sorriso atrevido e respondeu:

– Tenho-te a ti.

O empregado aproximou-se nesse momento a levantar os pratos e perguntou se desejavam sobremesa. O Ferreira pediu duas natas do céu. O doce haveria de agradar à amiga.

Depois levou-a no carro a dar um passeio pelas principais artérias da cidade, indicando-lhe os edifícios de que ela poderia necessitar: os correios, o banco, o hospital, a farmácia, a agência de viagem. Passava da meia-noite quando a deixou na residência. Combinou apanhá-la no dia seguinte às nove para a levar de visita ao *campus* e apresentá-la às colegas do Departamento de Botânica.

De regresso a casa, perguntou-se o que ela quis dizer com o «tenho-te a ti». Seria uma expressão inócua que significava a amizade e a confiança que esperava dele? Ou haveria um sentido menos ingénio? Estaria disposto a satisfazer-lhe as necessidades de contacto humano nos próximos três meses? Se ela assim o quisesse, porque não?

Para continuar a ler esta obra, contacte as Edições Vercial.

Título: *A Planta Carnívora*
© Copyright José Leon Machado
Revisão: Adriano Fernandes
Todos os direitos reservados
Edições Vercial, Braga, 2011
ISBN: 978-989-700-013-3

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>
